

## O MEU IRMÃO HITLER (1939)\*

*Tradução e notas de Gilda Lopes Encarnação*

---

\* As notas referentes a este capítulo encontram-se na página 204 (N. do E.).



Se não fossem os terríveis sacrifícios que continuam a ser prestados em nome da psicologia fatal deste homem, se não fosse a vasta paisagem de desolação moral que ele deixa atrás de si, seria mais fácil admitir que a sua vida constitui um fenómeno fascinante. É impossível resistir a tal tentação: ninguém consegue escapar a esta figura sombria, o que se fica a dever, pura e simplesmente, ao carácter eficaz e avassalador da política, ou seja, do ofício que ele um dia escolheu — como sabemos, por não ser capaz de exercer qualquer outro. As consequências são, pois, funestas para todos nós e ignóbeis para a Europa dos nossos dias, que, indefesa, sucumbe ao fascínio deste homem, ao mesmo tempo que permite que ele encarne o papel de eleito ou de herói de todos os tempos. Graças a uma série de acasos felizes — ou, melhor, desafortunados —, magicamente combinados, este homem tem conseguido levar, em todas as circunstâncias, a água ao seu moinho, acumulando vitórias e conquistas umas atrás das outras, sem contar com a mínima resistência ou oposição.

O mero gesto de admitir ou reconhecer uma conjuntura tão triste assemelha-se, por si só, a uma espécie de flagelação moral. É necessário munirmo-nos de um certo auto-domínio, de mais a mais sempre em risco de tornar-se imoral, já que o ódio assoma por toda a parte, assumindo-se

como a reacção natural de todo o indivíduo a quem importa de alguma forma o destino da nossa civilização. Ódio — admito que também eu o nutro no meu peito. Contudo, para ser sincero, o que desejo acima de tudo é que este fenómeno público possa conhecer um desfecho ignominioso, tão célere quanto possível, ainda que a sua comprovada prudência dificilmente o deixe prever. Em todo o caso, sei que o ódio que nutro por essa criatura miserável, ainda que fatídica, não é o melhor sentimento para alimentar dentro de mim. Mas felizes e justos se me afiguram os momentos em que o ódio sucumbe ao desejo de liberdade, de contemplação ilimitada, numa palavra, à ironia que eu desde há muito considero ser o elemento natural de toda a arte e de toda a criação intelectual. O amor e o ódio são emoções profundas, embora o homem tenda, de uma maneira geral, a subestimar a natureza emotiva que caracteriza precisamente aquela atitude na qual amor e ódio se reúnem da forma mais curiosa, nomeadamente a atitude a que chamamos interesse. Ao subestimar o lado afetivo do interesse, o homem subestima ao mesmo tempo a sua moralidade. O interesse vem associado a uma pulsão para a autodisciplina, a uma tendência, meio humorística, meio ascética, para o reconhecimento, para a identificação, para a solidariedade, todas elas, a meu ver, atitudes moralmente superiores ao ódio.

O tipo é um desastre, ainda que uma análise da sua personalidade e do seu destino individual não deixe de ser interessante. Quis o acaso que se reunissem, em torno da sua pessoa, as circunstâncias mais improváveis: o ressentimento insondável e a sede de vingança pustulenta de um ser inútil, incapaz, malgrado uma série de vezes, extremamente preguiçoso, inapto para qualquer tipo de trabalho, condenado ao eterno fracasso, artista amador frustrado, um verdadeiro desgraçado — todas estas circunstâncias, dizia,

calham a convergir com o complexo de inferioridade (muito menos legítimo) de um povo derrotado, um povo que não encontra o seu caminho depois da capitulação e que só anseia pela restauração da sua «honra». Ora, este homem que nunca aprendeu nada, que nunca quis aprender nada por certa arrogância obstinada, que não é dotado de qualquer capacidade técnica ou física, ao contrário da maior parte dos homens, pois não sabe montar a cavalo nem conduzir um automóvel ou um avião, que nem sequer foi capaz de gerar uma criança, este homem, dizia, reúne em si o que é necessário para convergir com o seu povo: uma eloquência que arrasta massas, ainda que de qualidade ínfima, transformada em mero instrumento histérico e histriónico com o qual vai remexendo na ferida do povo, cativando-o com a profecia de uma grandeza saída das cinzas, atordoando-o com promessas, convertendo o sofrimento nacional em veículo para a sua glória, a sua ascensão a alturas fantásticas, ao poder absoluto, a compensações e sobrecompensações inauditas... a uma glória e a uma santidade tão avassaladoras que quem quer que, no passado, tenha duvidado daquele homem desconhecido, invisível e miserável, se transforma em alvo da morte, por sinal, da morte mais vil e atroz, uma morte infernal... este mesmo homem não se contenta com as fronteiras nacionais e tem a Europa em mira, aprendendo a disseminar, em contexto alargado, as mesmas ficções, as mesmas mentiras históricas, os mesmos artifícios atordoantes que lhe haviam servido de trampolim em casa... tornando-se mestre na exploração das debilidades críticas e dos temores do continente, no seu pavor pela guerra, conseguindo atrair a si outros povos, por cima das cabeças dos seus legítimos governantes, e conquistando o favor de grande parte das populações. A sorte está do seu lado, os muros desmornam-se, em silêncio, a seus pés, de modo que o lúgubre zé-ninguém de outrora, pelo simples facto de se ter dedicado

à política — por amor à pátria, como ele apregoa —, parece estar agora em condições de subjugar a Europa ou, quem sabe, o mundo inteiro. Tudo isto é sumamente singular, inédito e impressionante, pelo que nos é impossível deixar de olhar para este fenómeno com uma certa admiração enojada.

Na história que acabámos de contar, podemos identificar alguns traços típicos dos contos de fadas, ainda que aqui eles nos surjam desfigurados (o motivo da distorção e da decadência assumem um papel importante na vida europeia dos nossos dias): João, o Pateta, em *O Ganso de Ouro*, que acaba por conquistar não só a princesa, como também o reino inteiro; o motivo do «patinho feio» que se transforma num lindo cisne; *A Bela Adormecida*, rodeada não pelas chamas de Brünhild, mas por sebes de rosas bravas, que desperta com o beijo de Siegfried, sorrindo para o seu herói<sup>1</sup>. «Acorda, Alemanha!»<sup>2</sup> — é monstruoso, mas parece fazer sentido. E não esqueçamos também *O Judeu entre os Espinhos*<sup>3</sup> — a convocação do espírito nacional mesclada com elementos patológicos infames. Tudo muito wagneriano, ao nível da distorção, como há muito foi diagnosticado, na sequência da veneração — bem fundamentada, se bem que algo ilegítima — que o político milagreiro nutria pelo compositor que encantou a Europa, a quem Gottfried Keller não resistiu a chamar «meio barbeiro, meio charlatão».

A arte... mencionei a flagelação moral, mas não seremos obrigados, quer queiramos ou não, a reconhecer neste fenómeno uma manifestação artística? Está tudo lá, de um modo que não deixa de ser aviltante: as «dificuldades», a preguiça e a desastrosa indefinição dos anos da juventude, a incapacidade de «acomodação», a falta de objectivos e de orientação, uma existência meio vegetal, meio obtusa, nas profundezas da boémia social e mental, a arrogante recusa

em exercer qualquer atividade sensata e honrada, simplesmente por se ter em elevada conta — com base em que facto? Com base numa vaga sensação de estar reservado para algo de totalmente indefinido, algo que, se pudesse ser nomeado, desencadearia fortes gargalhadas por todo o lado. Acresce ainda a má consciência, o sentimento de culpa, a raiva para com o mundo, o instinto revolucionário, o desejo violento, acumulado no subconsciente, de encontrar formas de compensação, a tenaz e tumultuosa necessidade de se justificar, de se afirmar perante os outros, a urgência em dominar e subjugar, o sonho de ver um mundo que definha em medo e amor, admiração e vergonha, rendido aos pés daquele que fora outrora enjeitado... Não é aconselhável tomar a veemência das conquistas alcançadas para tirar conclusões precipitadas, nem quanto à profundidade e amplitude de uma dignidade latente que tanto sofreu com a condição pouco honrosa do seu estado de crisálida, nem quanto à extraordinária tensão de um subconsciente capaz de produzir «criações» de um estilo tão distinto e impressionante. O estilo *alfresco*, esse grande estilo da história da arte, não resulta da ação do indivíduo, sendo fruto, sim, dos recursos utilizados e do campo de acção alcançado. Os métodos políticos e demagógicos, aplicados a povos inteiros ou a grandes massas, não sem grande ruído e elevados sacrifícios, bem como os seus resultados grandiosos, não provam, de forma alguma, o carácter extraordinário desta mente, não dizem nada sobre a envergadura deste histórico ostensivo. E, repare-se, volta a pulsão insaciável de compensação e de autoglorificação, o desassossego e a insatisfação, o esquecimento dos sucessos obtidos, o seu rápido desgaste e conseqüente abandono, o vazio e o tédio, a sensação de inutilidade sempre que a respiração do mundo não está suspensa, a urgência infatigável de provar, uma vez mais, o seu valor e deixar a sua marca no mundo...

Um irmão... Um irmão algo incómodo e indigno, que nos deixa os nervos em franja, um parente que nos provoca um grande desconforto. Não quero, contudo, voltar as costas à realidade. Como já referi anteriormente: mais gratificante, mais sincero e satisfatório, mais produtivo até do que o ódio é o auto-reconhecimento, a prontidão em nos identificarmos com o objeto do nosso ódio, ainda que correndo o risco moral de esquecermos a capacidade de dizer «Não». Nada receio; aliás, a partir do momento em que a moral afeta a espontaneidade e a inocência da vida, deixa de interessar realmente ao artista. Pode ser uma experiência tranquilizadora, e não apenas negativa, perceber que, não obstante todo o conhecimento e toda a ciência, toda a análise e todo o avanço na investigação do ser humano, sabemos muito pouco acerca dos processos de actuação e de projecção do inconsciente sobre a realidade circundante. Tal é particularmente notório se pensarmos no processo de primitivização a que a Europa dos nossos dias se sujeita de forma consciente e deliberada, ainda que essa consciência e intenção, essa maliciosa afronta ao espírito e ao estádio alcançado por ele, constituam, por si, uma forte oposição a esse mesmo primitivismo. Não resta qualquer dúvida de que o primitivismo que tem a ousadia de se auto-glorificar perante o estádio civilizacional atingido nos nossos tempos, o primitivismo entendido como «mundividência» — ainda que esta mundividência se assuma como correcção ou contraponto a um certo «intelektualismo» árido — é impudente, correspondendo exatamente àquilo que o Antigo Testamento designa como «abominação» e «demência». Ora, o artista, enquanto partidário irónico da vida, só pode reagir voltando costas, enojado, a um retrocesso tão ignóbil e hipócrita. Recentemente vi um filme em que os habitantes de Bali organizavam uma dança tribal e terminavam em transe absoluto, os corpos dos jovens contorcendo-se, exaustos, em espasmos

terríveis. Qual é, afinal, a diferença entre rituais deste tipo e o que se passa numa concentração de massas, de cariz político, na Europa? Não é nenhuma, ou melhor, talvez se possa identificar uma: a diferença entre o exotismo e a abjecção.

Eu era muito novo ainda quando, em *Fiorenza*<sup>4</sup>, permiti a destruição da soberania da beleza e da cultura pela mão de um monge que, movido pelo seu fanatismo sócio-religioso, anunciava «o milagre da inocência reconquistada». Em *A Morte em Veneza*<sup>5</sup>, encontramos uma forte rejeição do psicologismo que reinava na época, a par de uma nova determinação e simplificação da alma que, no entanto, é condenada, no final, a um destino trágico. Eu não era alheio às tendências e ambições da época, aos acontecimentos que insistiam em revelar-se ou que estavam destinados a suceder, às aspirações que, vinte anos mais tarde, andariam na boca do cidadão comum. Quem poderá ficar surpreendido com o meu desinteresse por esse tipo de ideias, quando elas chegaram ao animal político e se degeneraram de tal maneira que só os professores obcecados com o primitivismo e os lacaios literários anti-intelectuais não recuaram perante o seu horror? Estamos perante uma atitude que nos poderia fazer perder o respeito pelas fontes da vida e que faz nascer ódio dentro de nós. Mas que importância tem este ódio quando comparado com o ódio que o malfeitor do inconsciente alimenta em relação ao espírito e ao conhecimento! Acalento a secreta suspeita de que a raiva com que as suas tropas marcharam sobre certa capital era, de facto, dirigida a um velho psicanalista que lá morava, o seu verdadeiro e real inimigo, o filósofo que desmascarou as neuroses e desmoronou as ilusões, o arquitecto e mentor da própria noção de «génio»<sup>6</sup>.

Pergunto a mim próprio se a carga supersticiosa que sempre tem acompanhado a ideia de «génio» será ainda tão forte que nos impeça de atribuir o nome de génio ao nosso

amigo. Porque não dar-lhe esse nome, se isso o faz feliz? O intelectual quase que anseia tanto por verdades dolorosas como o tolo por verdades lisonjeiras. Se a genialidade é uma mistura de loucura e de prudência (e esta não deixa de ser uma definição possível!), então o homem é um génio: a conclusão não nos repugna de todo, se pensarmos que «génio» define uma categoria, mas não uma classe ou escalão, pelo que a genialidade se pode manifestar nos mais diferentes graus intelectuais ou mentais, inclusivamente nos mais ínfimos, os quais podem ainda revelar traços ou produzir efeitos que se deixam definir como geniais. Deixo, contudo, em suspenso a questão de saber se a história da humanidade já terá sido alguma vez confrontada com um caso semelhante, a saber, com um nível moral e intelectual tão baixo combinado com um tipo de magnetismo a que damos o nome de «genial», ou se nós, espectadores perplexos, seremos, pelo contrário, testemunhas de algo inédito. Em todo o caso, não posso estar de acordo com a possibilidade de este caso particular lançar uma luz negativa sobre toda a categoria da genialidade, isto é, sobre o fenómeno do homem notável. O «génio» sempre foi um fenómeno mais estético do que moral, ainda que, na realidade, tenha produzido algum calafrio na humanidade, pelo facto de tentar ultrapassar as fronteiras do humano. Não nos podemos, todavia, esquecer de que, a par dos temores que possa ter provocado, esse calafrio foi também de felicidade. Há que respeitar as diferenças que são, em boa verdade, incomensuráveis. Não posso deixar de sentir uma certa indignação quando oiço hoje dizer: «Afinal, Napoleão, como agora já sabemos, foi também um canalha!» Ora, isto é querer pôr tudo no mesmo saco! É um absurdo e uma aberração querer comparar o grande general e o cobarde sem limites, o grande homem de armas e o pacifista chantagista, cujo protagonismo cairia por terra

logo no primeiro dia de combate real. Poderemos alguma vez comparar o ser que Hegel um dia denominou «o espírito do mundo a cavalo», aquele crânio notável que tudo dominava à sua volta, com a sua incrível capacidade de trabalho, a personificação da própria revolução, o arauto tirânico da liberdade para sempre impregnado na memória da humanidade como símbolo do classicismo mediterrânico, poderemos alguma vez comparar essa grandiosa figura com este miserável mandrião, este verdadeiro zé-ninguém, «idealista» de trazer por casa, tolo inimigo da revolução social, sardista fingido, espírito rancoroso e infame armado em representante da «sensibilidade»?... Já antes mencionei a distorção que impera na Europa. É verdade, a nossa época foi fértil em distorcer e desfigurar muita coisa: o espírito nacional e o socialismo, o mito e a filosofia da vida, o irracionalismo e a fé, a juventude e a revolução e sabe-se lá que mais ainda. E claro, desfigurou também a noção de «génio», de homem notável. É necessário que nos conformemos com o nosso desígnio histórico e que nos contentemos com o estádio em que o génio se encontra presentemente — entre todos aqueles em que se poderia encontrar.

Um artista, um irmão. A solidariedade e o reconhecimento são, contudo, formas de expressão do desprezo da arte por si mesma, uma arte que não deseja, ela própria, ser tomada totalmente à letra. Gostaria de acreditar, melhor, estou certo de que tempos virão ainda em que a arte sem limites morais ou intelectuais, a arte transformada em magia negra ou produto instintivo, irracional e irresponsável, será tão desprezada como é venerada nos nossos tempos tão pouco humanos. É verdade que a arte não é só luz e espírito, mas também é verdade que não é apenas trevas e cega aberração do submundo telúrico, não é só «vida». A arte do futuro

manifestar-se-á e afirmar-se-á, de modo mais notório e feliz do que sucedeu até hoje, como encantamento luminoso, como mediação — alada, hermética, lunar — entre espírito e vida. E não esqueçamos: a mediação é já espírito.